



³⁸ Cf. A. ALVAREZ BOLADO, "Giro del siglo" y solidaridad, *Aqui y Ahora* 24, Sal Terrae, Maliaño/Bilbao 1991, p. 42-43.

³⁹ *ibid.*, p. 44.

⁴⁰ Cf. L. M. MARDONES, *Por una cultura de la solidaridad. Actitudes ante la crisis*, op. cit., p. 44.

⁴¹ *ibid.*

⁴² Cf. P. RICHARD, *La solidaridad cristiana en el contexto actual de economía neoliberal de libre mercado*, op. cit., p. 8-10.

⁴³ *ibid.*, p. 16.

⁴⁴ Cf. *Lumen Gentium*, 1.

⁴⁵ Cf. SRS 9, 16, 36.

⁴⁶ CA 28.

⁴⁷ Cf. Javier VITORIA, *Un orden económico justo*, op. cit., p. 24.

⁴⁸ *ibid.*, p. 25.

⁴⁹ Cf. E. Galeano, *Ser como ellos y otros artículos*, Siglo XXI, Madrid 1992, p. 205, citado por Javier VITORIA, *Un orden económico justo*, op. cit., p. 23.

⁵⁰ Cf. L. M. Mardones, *Por una cultura de la solidaridad. Actitudes ante la crisis*, op. cit., p. 45.

⁵¹ Cf. P. RICHARD, *La solidaridad cristiana en el contexto actual de economía neoliberal de libre mercado*, op. cit., p. 14-15.

Endereço do Autor:

ITESC - Cx.Postal 5041
89040-970 Florianópolis - SC

Neste estudo, o autor faz a exegese da secção eucarística do "discurso do Pão da vida", no capítulo sexto do quarto evangelho. Procurando aprofundar o sentido das expressões "comer da carne" e "beber do sangue" do Filho do Homem, o autor analisa o texto e contexto da perícopa joanina e apresenta os textos eucarísticos dos sinóticos e da primeira carta aos Coríntios, além de aduzir os mais importantes testemunhos da Eucaristia nos primeiros séculos cristãos. Na conclusão focaliza a dimensão "encarnacional" do texto joanino, que fundamenta a dimensão sacramental, irrenunciável, da Eucaristia.

A Eucaristia segundo João (Jo 6,51-58)

Pe. Ney Brasil Pereira

Mestre em Ciências Bíblicas e Professor de Exegese no ITESC

Um dos grandes temas propostos para este ano, o Ano Santo do Grande Jubileu, é a Eucaristia. Se em 1997 nos concentrávamos no Batismo, em 1998 na Crisma, e em 1999 na Penitência ou Reconciliação, neste ano focalizamos de modo especial a Eucaristia, que nossa piedade católica chama de “santíssimo Sacramento”. Desejando contribuir para essa reflexão, gostaria de aprofundar, com o/a leitor/a, a apresentação que o autor do quarto evangelho faz desse mistério.

Uma primeira observação. Se o quarto evangelho é considerado o “mais espiritual” dos quatro, no sentido de que é o que mais aprofunda a transparência divina de Jesus, observação já feita por Clemente de Alexandria no início do século III¹, é também, paradoxalmente, o “mais carnal”, o “mais encarnacional” dos quatro, afirmando com todas as letras, no seu prólogo, que nele, Jesus de Nazaré, o Lógos, que é Deus, *se fez carne* (Jo 1,14), um ser de carne e osso que pôde ser *ouvido, visto, contemplado, apalpado com as mãos*, segundo o que o mesmo João afirma no início da sua primeira Carta. Isto nos previne contra uma interpretação meramente “espiritual”, ou “mística”, ou “não sacramental”², ou “parabólica”³, do texto joanino. E a segunda: este mistério, central à fé católica, aceito e reverenciado por todas as denominações cristãs, também as surgidas da Reforma, é no entanto compreendido de maneira diferente por elas, tendo suscitado até hoje, como desde o momento em que foi anunciado, discussões acaloradas. De fato, bastou Jesus dizer que o pão a ser dado por Ele era *a sua carne* para a vida do mundo, seus ouvintes passaram a alterar entre si... e mesmo a “brigar (João usa o verbo gr. *emáchonto!*), sem chegarem a um acordo. “Será forçado ver nessa discussão”, pergunta Bruce⁴, “uma antecipação das controvérsias perenes nas quais os cristãos se envolveram em relação ao significado das palavras eucarísticas do Senhor?”

O que João quis realmente dizer, ao apresentar desse modo o significado da Eucaristia, ele que, no relato da última Ceia, não registra os

gestos e palavras da Instituição? Por que, afinal, é tão importante e, mesmo, imprescindível, *comer da carne e beber do sangue* do Filho do Homem, e o que significa isso? Para respondermos a estas e outras perguntas, proponho os seguintes passos: 1) examinar o texto e contexto do discurso eucarístico em João; 2) considerar a Eucaristia nos Sinóticos e na primeira carta aos Coríntios; 3) auscultar os testemunhos da Eucaristia nos primeiros séculos, para podermos confrontá-los com o testemunho fundante do Novo Testamento. Depois, algumas conclusões.

1. Texto e contexto do discurso eucarístico em João

O capítulo 6 de João começa abordando um fato notório na vida pública de Jesus, o milagre – João o chama “sinal” – da multiplicação dos pães, narrado também pelos outros evangelistas. Aliás, Marcos e Mateus transmitem até duas versões desse fato. A diferença maior entre João e os sinóticos, porém, está no fato de que João não apenas narra o episódio, mas reflete longamente sobre seu significado, ou seja, a sua “transparência”. É por isso que, se ele dedica 15 versículos à narração do fato, estende-se por mais 50 versículos discutindo, refletindo, aprofundando o “sinal”⁵. Temos, assim, a seguinte estrutura do capítulo:

1° o sinal: a) sinal dos pães multiplicados (6,1-15)
b) sinal da travessia do mar (6,16-21)

2° o discurso: a) discurso sapiencial (6,35-50), com a introdução (6,22-34)
b) discurso eucarístico (6,51-58)

3° a reação ao discurso: a) abandono de “muitos” (6,60-66)
b) proclamação da fé de Pedro (6,67-71)

Quanto à narrativa do milagre como tal, notar que, como em outras passagens do quarto evangelho, é Jesus quem toma a iniciativa e conduz os fatos. Se em Marcos são os discípulos que observam a necessidade de alimentar a multidão e Jesus devolve a eles a responsabilidade (*Dai-lhes vós mesmos de comer*, Mc 6,37), em João é o próprio Jesus quem adverte para o problema e, após levantar algumas informações, encaminha pessoalmente a solução. A própria distribuição dos pães é feita, não através dos discípulos, como em Marcos, mas diretamente por Jesus: é Ele quem distribui a todos o pão “abençoado”, isto é, sobre o qual Ele rendera graças (6,11)⁶. E é Ele, enfim, quem tem o cuidado de mandar recolher o que



sobrou, em gr. *klásmata*, fragmentos⁷, para que nada se perca (6,12).

Ao reencontrar a multidão em Cafarnaum, depois da travessia do lago, Jesus os questiona: Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque enchestes o estômago... Trabalhai, não pelo alimento que se estraga, mas pelo alimento, o pão, que permanece até a vida eterna... (cf 6,26-27) Com estas palavras, Jesus convida seus ouvintes a abrirem os olhos: a perceberem novas dimensões, novos sentidos, na vida e no próprio alimento material que a sustenta. Aliás, Moisés já o fizera no Deuteronômio, fazendo ver a seu povo no deserto: Não só de pão vive o ser humano, mas de toda palavra que sai da boca de Deus (Dt 8,3). E o profeta Amós, por sua vez, anuncia não uma fome de pão nem uma sede de água, mas fome e sede de ouvir a palavra de Deus (Am 8,11). Agora, depois de alertar para um pão diferente, que será dado pelo Filho do Homem, contanto que seus ouvintes façam a obra de Deus, isto é, **creiam** naquele que Ele enviou (cf 6,26-29), Jesus vai conduzindo os circunstâncias à revelação direta e inesperada: Ele mesmo, Jesus, é esse Pão que permanece, o Pão da Vida (6,35).

Sistematizando agora um pouco a nossa leitura do texto, podemos, com Konings⁸, identificar os versículos onde vai ocorrendo a passagem progressiva de um “sentido”, ou “nível”, para outro. Assim, o primeiro nível superior é o do “alimento que permanece”, diferente do alimento “que perece”: um nível, portanto, já sapiencial, no v. 27. A seguir, no v. 35, o segundo nível, ou segundo sentido, já claramente cristológico: o próprio Jesus é esse Pão diferente, o *Pão da Vida*. No v. 51b temos o terceiro nível, que introduz o sentido eucarístico: esse Pão diferente é a própria “carne” de Jesus, que se entrega voluntariamente *pela vida do mundo*. Finalmente, no v. 53, o quarto e último nível, que podemos chamar de nível ritual, ou sacramental: é preciso **comer da carne, beber do sangue**, do Filho do Homem.

Ora, quando Jesus revelou que o pão a ser comido era a sua “carne”, isto é, o seu corpo, e seu corpo imolado, os ouvintes imediatos não conseguiram entender. Jesus, porém, insiste e, de maneira agressiva, revela que “comer da carne” e “beber do sangue” do Filho do Homem é condição indispensável, *sine qua non*, para termos a Vida em nós (6,53). Que significa isso? Quando é que “comemos da carne” e “bebemos do sangue” do Senhor? A resposta óbvia é que o fazemos, agora, cada vez que participamos da Eucaristia. Mas essa participação, de que modo a fazemos? com que consciência? e com que conseqüências? Em que é que essa “carne” e esse “sangue” partilhados nos trazem a Vida, e transformam a nossa vida? Ou apenas nos desincumbimos de um rito que recebemos por tradição e que



observamos regularmente, sem nos darmos conta do que isto exige de nós? Se nos alimentamos “da carne” daquele que deu a vida por nós, e se bebemos “do seu sangue” por nós derramado, não deveria a nossa vida também ser doada, partilhada, mesmo sacrificada, como a de Jesus? É novamente João, na sua primeira Carta, quem nos adverte: *Se Ele deu a vida por nós, também nós devemos dar a nossa vida, pelos irmãos e irmãs* (1Jo 3,16). Se não o fazemos, não estamos *discernindo o Corpo do Senhor*, como nos alerta Paulo por sua vez na primeira Carta aos coríntios, e nos expomos até, segundo o mesmo Apóstolo, a *comer e beber a nossa própria condenação* (1Cor 11,29).

Antes, porém, de continuarmos as nossas reflexões sobre a secção eucarística deste capítulo 6º de João, será útil compará-la visualmente com a secção sapiencial que a precede, nos vv. 35-50, seguindo a sugestão de Brown⁹.

Jo 6, 35-50 secção sapiencial

35. *Eu sou o Pão da vida.*
Quem vem a mim nunca mais terá fome,
E quem crê em mim nunca mais terá sede.
36. Eu, porém, vos afirmo: vós me vedes,
mas não acreditais.
37. Todo aquele que o Pai me der virá a mim,
e quem vem a mim eu não o rejeitarei,
38. pois desci do céu não para fazer
a minha vontade,
mas a vontade daquele que me enviou.
39. E a vontade daquele que me enviou é esta:
que Eu não perca nada do que Ele me deu,
mas o ressuscite no último dia.
40. Sim, esta é a vontade de meu Pai:
quem vê o Filho e nele crê,
tem a vida eterna
e Eu o ressuscitarei no último dia.
41. **Os judeus murmuravam**, então, contra
Ele porque dissera: Eu sou o Pão
descido do céu.
42. E diziam: Este não é Jesus, o filho de José,
cujo pai e mãe conhecemos?
Como diz agora: Eu desci do céu?
43. Jesus lhes respondeu: Não murmureis entre vós.
44. Ninguém pode vir a mim
se o Pai, que me enviou, não o atrair;
e Eu o ressuscitarei no último dia.
45. Está escrito nos profetas:

Jo 6, 51-58 secção eucarística

51. a. *Eu sou o Pão vivo,*
descido do céu.
Quem comer deste Pão,
viverá eternamente.
51. b. O Pão que eu darei é a
minha carne,
pela vida do mundo.
52. **Os judeus altercavam entre si**,
dizendo: Como pode este homem
dar-nos a sua carne a comer?
53. Jesus lhes respondeu:
Em verdade, em verdade eu vos digo:
Se não comerdes a carne
do Filho do Homem,
e não beberdes o seu sangue,
não tereis a Vida em vós.
54. Quem come a minha carne
e bebe o meu sangue



E todos serão ensinados por Deus.

Quem escuta o ensinamento do Pai e dele aprende, vem a mim.

46. Não que alguém tenha visto o Pai: só Aquele que vem de junto de Deus, esse viu o Pai.

47. **Em verdade, em verdade vos digo:** *aquele que crê, tem a vida eterna.*

48. *Eu sou o Pão da vida.*

49. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.

50. *Este Pão é o que desce do céu, para que não pereça quem dele comer*

tem a vida eterna

e Eu o ressuscitarei no último dia.

55. Pois a minha carne é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida.

56. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue,

permanece em mim, e Eu nele.

57. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e Eu vivo pelo Pai,

também aquele que comer de mim viverá por mim.

58. *Este é o Pão que desceu do céu:* ele não é como o que vossos pais

comeram, e morreram.

Quem come deste Pão,

viverá para sempre.

Esta simples justaposição nos faz ver várias coisas. Em primeiro lugar, percebe-se que a secção sapiencial é completa em si mesma, como observa o já citado Raymond Brown¹⁰. Vê-se também que a secção eucarística é uma retomada e ampliação do mesmo tema, segundo o que João vai fazer também nos discursos de despedida do Senhor, na última Ceia: parecem encerrados, esses discursos, no fim do cap. 14 (cf 14,31: *Levantai-vos, partamos daqui*), e no entanto são retomados, com novos elementos, por mais três capítulos.

Aqui, a secção eucarística parece um antecipação do relato da Instituição da Eucaristia, que João omite ao narrar a última Ceia, semelhantemente à antecipação que ele faz da cena da purificação do templo, situada pelos sinóticos na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, no chamado “domingo de Ramos”, mas relatada por João no início da vida pública do Senhor. Notar como as duas secções, aqui, têm começo e final semelhantes, têm também o mesmo tipo de interrupção com o protesto dos “judeus”, e têm a mesma promessa de vida eterna. A diferença maior está em que a secção sapiencial insiste na necessidade de *crer* em Jesus, enquanto a secção eucarística acentua a necessidade de *comer a sua carne e beber o seu sangue*. A propósito, Agostinho resume em duas palavras a correspondência e a mútua integração das duas secções do discurso: *Crede, et manducasti* (“Crê, e comeste!”), isto é, a manducação, evidentemente necessária, de nada aproveitaria se não fosse feita na fé¹¹.

É ainda Brown quem observa que a justaposição das duas secções foi desde o início, e é até hoje, o cerne da liturgia cristã, significando a dupla presença do Senhor em meio aos que nele crêem: a sua presença na Palavra, e a sua presença no Sacramento. Mas por que essa duplicação? Não bastaria a Palavra? Para quê, então, o Sacramento? Ou o próprio

Sacramento não deveria ser “espiritualizado”, ou seja, entendido metaforicamente, como quer uma tendência protestante ou “protestantizante”, em reação à posição católica?

Vejamos, porém, mais de perto, a formulação joanina da secção eucarística. A “vida eterna” não é, agora, como na secção sapiencial, o resultado da fé em Jesus, e sim o da manducação do seu corpo e sangue (v.54). Não mais se evidencia o papel do Pai em atrair as pessoas a Jesus (v. 44): é o próprio Jesus o agente e fonte da salvação. Quanto ao “*comer a carne de alguém*”, literalmente é uma metáfora de ação hostil, como no Sl 27,2 (*Quando os malfeitores avançam contra mim para devorar a minha carne...*) e em Zc 11,9 (...*e que as restantes comam a carne umas das outras!*) ; e no aramaico, um título do diabo, o grande adversário, é justamente o de “comedor de carne”¹²... Quanto ao “*beber o sangue*”, era algo abominável e proibido pela lei de Deus (cf Gn 9,4. Lv 3,17; Dt 12,23... cf At 15,20). Na visão da carnificina apocalíptica em Ezequiel, as aves de rapina são convidadas a virem “comer carne e beber sangue” dos ímpios vencidos... Portanto, as palavras de Jesus só adquirem novo sentido, favorável, se referidas à Eucaristia, isto é, se elas são a formulação joanina das palavras da Instituição, que encontramos nos sinóticos e em Paulo: *Tomai, comei, isto é meu corpo (= minha carne); bebei... isto é meu sangue* (Mt 16,26-28 e paralelos). Além disso, ainda, o v. 51b – *o Pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo* – é a formulação joanina da palavra de Jesus sobre o pão, especialmente segundo o que lemos em Lc 22,19: *Isto é o meu corpo, que é dado por vós*. Nota-se aí também a ampliação da perspectiva: o “por vós” ou “por muitos”, dos Sinóticos, em João abarca o mundo inteiro: “para a vida do mundo”. Quanto ao uso do substantivo *carne*, por João, em vez do “corpo”, usado pelos sinóticos, temos aí um indício da maior proximidade de João com o termo originalmente empregado por Jesus, o qual, em hebraico/aramaico deve ter falado “carne” (*basar, besara*) e não “corpo”, termo inexistente nessa língua. A propósito, todas as numerosas referências de Inácio de Antioquia, no começo do séc. II, à Eucaristia, usam consistentemente o termo “carne”, e não “corpo”, como veremos abaixo. O mesmo se diga de Justino Mártir, na sua Apologia I,66: “Pois não é pão ou vinho comum o que recebemos.. mas a própria *carne* e o *sangue* de Jesus que se encarnou.”

Mais ainda. Neste v. 51b temos simultaneamente um eco do tema da encarnação (1,14: *o Lógos se fez carne*) e um prenúncio da paixão: esse pão, que é a sua carne, Jesus a dará *pela vida do mundo*. Se, no v. 32, era o Pai quem dava o pão celeste, que é seu Filho descido do céu, agora é o próprio Jesus, por sua morte voluntária (cf 10,18), quem o dá. Se, no começo do evangelho, Jesus é aclamado, pelo Batista, como *o Cordeiro*



de Deus que tira o pecado do mundo (1,29), agora é o próprio Jesus quem, num contexto pascal (6,4), anuncia a sua própria entrega sacrificial *pela vida do mundo*. Além disso, a insistência de João, em destacar a **carne** de Jesus, deve ter sido causada por uma intenção anti-doceta e anti-gnóstica que vai tornar-se explícita na sua primeira Carta: *Só é de Deus o espírito que professa Jesus encarnado*, isto é, literalmente, “vindo **na carne**” (1Jo 4,2).

No v. 52 temos um mal-entendido paralelo ao dos vv. 41-42. Por estranho que possa parecer, Jesus não ameniza a repugnância dos “judeus” à proposta “canibalística” de “comer da sua carne”, mas até a reforça, no v. 53, acrescentando a exigência mais repugnante ainda de “beber do sangue” do Filho do Homem. Brown¹³ observa que a objeção e a resposta dos vv. 52-53 talvez reflita uma disputa surgida ainda na época do evangelista, quando apologistas judeus, segundo o que lemos em Orígenes, citando Celso, atacavam a Eucaristia, acusando os cristãos de “comerem carne humana”. Por outro lado, João não vai ao outro extremo de atribuir poder mágico à recepção da carne e do sangue de Jesus, equiparando assim a Eucaristia a um mistério pagão. Se os vv. 53-56 prometem o Dom da Vida ao que *come da carne e bebe do sangue* de Jesus, esta promessa é precedida pela secção sapiencial dos vv. 35-50, que condicionam a promessa da Vida à atitude de fé. Assim, a justaposição das duas secções ensina que o Dom da Vida nos vem por uma recepção do Sacramento, sim, mas na fé.

No v. 54 encontramos em seqüência os dois tipos de escatologia encontrados em João: quem se alimenta da carne de Jesus tem a *vida eterna agora* (escatologia realizada), mas se acrescenta ainda a promessa da *ressurreição no último dia*, escatologia futura ou final, implicada também pela referência à carne do Filho do Homem (v. 53), que é uma personagem escatológica. Um confronto entre o v. 54 e o v. 56 mostra que *ter vida eterna* equivale a *permanecer em Jesus* e ter Jesus permanecendo nele, isto é, naquele que comer a sua carne e beber o seu sangue: essa mútua permanência é semelhante à que vigora entre o Pai e o Filho, segundo o que afirma o v. 57. E essa mútua inabituação realiza, por sua vez, a proposta da Aliança, tornada “nova” no sangue de Jesus: *Eles serão o meu povo, e Eu serei o seu Deus* (Jr 31,33). Assim, conclui Brown¹⁴, enquanto os sinóticos recordam, sim, a instituição da Eucaristia, é João quem explica o seu significado, isto é, o que a Eucaristia significa para nós.

2. A Eucaristia nos sinóticos e na primeira Carta aos coríntios

Como a secção eucarística de Jo 6 só se entende plenamente levando



em conta os relatos da Ceia na tradição sinótica, vamos agora apresentar, em sinopse, os relatos da Instituição em Mateus, Marcos e Lucas, e na primeira Carta aos coríntios. Antes, porém, é interessante observar, no texto de Paulo, o que precede e o que segue ao relato como tal. De fato, na secção em que Paulo aborda o problema das carnes sacrificadas aos ídolos, nos capítulos 8-10, ele antecipa o tema da Eucaristia, ao fazer as seguintes perguntas retóricas, no c. 10,16: *O cálice da bênção, que abençoamos* (isto é, sobre o qual pronunciamos a bênção¹⁵), *não é a comunhão com o sangue do Cristo? E o pão que partimos, não é a comunhão com o corpo do Cristo?* Logo a seguir, no v. 17, ele tira a conclusão da resposta afirmativa a essas perguntas, e escreve: *Já que há um único Pão, nós embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único Pão*. Portanto, esquematicamente, assim podemos resumir esses versículos 16-17: o cálice – *sangue*; o Pão – *corpo* (carne).

No cap. 11, na perícopie onde Paulo trata expressamente da Eucaristia, nos vv. 17-34, assim podemos estruturar o texto:

- vv. 17-22: censura aos abusos na Ceia do Senhor
- vv. 23-25: **memória da Ceia** (relato da Instituição)
- vv. 26-27: proclamação (anamnese) e advertência
- vv. 28-34: parênese: examinar-se a si mesmo, discernir o Corpo...

Mt 26,26-29	Mc 14,22-25	Lc 22,19-20	1Cor 11,23-27
26 Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: Tomai e comei, isto é o meu corpo.	22 Enquanto comiam, Ele tomou um pão, Pronunciou a bênção, Partiu-o e distribuiu a eles, dizendo: tomai, isto é o meu corpo.	19. E tomou um pão deus graças, partiu-o e distribuiu-o a eles, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós. <i>Fazei isto Em minha memória.</i>	23 Eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: Na noite em que foi entregue, O Senhor Jesus tomou o pão, 24 e, depois de dar graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo que é (dado) por vós. <i>Fazei isto Em memória de mim.</i> 25 Do mesmo modo, após a Ceia, também
27 Depois, tomou um cálice	23 Depois, tomou um cálice	20 E, depois da ceia, fez o mesmo	



e, dando graças,
deu-o a eles,

dizendo:
Bebei dele todos,
28 pois isto é
o meu sangue,
o sangue da Aliança,
que é derramado
por muitos,
para remissão
dos pecados.

29 Eu vos digo:
desde agora não
beberei deste fruto
da videira,
até o dia
em que convosco
beberei o *vinho novo*
no Reino de meu Pai.

e, dando graças,
deu a eles,
e todos dele beberam.
24. E disse-lhes:

Isto é
o meu sangue,
o sangue da Aliança,
que é derramado
em favor de muitos.

25 Em verdade vos digo,
já não berei
do fruto da videira,
até aquele dia
em que berei

o *vinho novo*
no Reino de Deus.

com o cálice,

dizendo:
Este cálice é
a *nova Aliança*
em meu sangue,

que é derramado
em favor de vós.

*todas as vezes
que dele beberdes,
fazei-o em memória
de mim*

26 Pois todas
as vezes
que comerdes...
anunciareis a morte
do Senhor
até que Ele venha.
27...todo aquele
que comer...
ou beber...
indignamente,
será réu *do Corpo*
e do Sangue do
Senhor.

Algumas observações. Historicamente, o texto da primeira carta aos Coríntios é mais antigo que o dos sinóticos, sabendo-se que a Carta foi escrita no ano 57, isto é, menos de 30 anos após a Ceia, e Lucas depende claramente de Paulo. Em Mateus e Marcos, a oração de Jesus sobre o pão é uma "bênção" (em gr. *eulogeîn*), enquanto em Lucas e na 1Coríntios é uma "eucaristia" (em gr. *eucharisteîn*), isto é, o termo de Mt e Mc corresponde melhor ao substrato hebr./aramaico da *berakhâ*. E a palavra de Jesus sobre o pão é mais completa em Lucas e na 1Coríntios: *o meu Corpo, que é dado por vós* (na 1Coríntios falta o participio, que alguns manuscritos explicitam¹⁶). A ordem de repetir o rito (*fazei isto em memória de mim*¹⁷) encontra-se apenas em Lucas e na 1Coríntios (nesta, por duas vezes), não em Mateus nem em Marcos. A menção da Aliança aparece nos quatro textos, o "sangue da Aliança", que recorda as palavras de Moisés na celebração da Aliança no Sinai (Ex 24,8: *Este é o sangue da Aliança que Javê fez convosco...*), mas só em Lucas e na 1Coríntios se insere o adjetivo

tomu o cálice,

dizendo:
este cálice
é a *nova Aliança*
em meu sangue:



"nova", provindo de Jr 31,31. O sangue "derramado" aparece apenas nos três sinóticos, com variantes próprias: em Lucas, o sangue é derramado "*em favor de vós*"; em Marcos, é derramado "*em favor de muitos*"; e em Mateus, é derramado "*por muitos, para a remissão dos pecados*", numa clara alusão a Is 53,11.

Quanto à perícope da 1Coríntios, notar a proclamação do v. 26 sobre o significado da ceia eucarística: com esse rito, os cristãos devem anunciar, até à Parusia ("*até que Ele venha*"), a **morte** sacrificial do Senhor. E logo a seguir, no v. 27, a advertência severa contra quem "comer do pão" ou "beber do cálice do Senhor" *indignamente*, porque tal pessoa se torna **réu do corpo e do sangue do Senhor**, numa clara afirmação da presença objetiva do Senhor nesses sinais sacramentais. Também na parênese conclusiva, vv. 28-34, é clara essa convicção do Apóstolo, de que esses sinais sacramentais do Senhor merecem um tratamento especial por aquilo que significam e contêm. E isto, porque "*aquele que come e bebe sem discernir o Corpo*"¹⁸ - isto é, sem respeitar aí a presença real do Senhor - *come e bebe a própria condenação*".

3. Testemunhos da Eucaristia nos primeiros séculos¹⁹

Para entendermos o que João quis realmente dizer, na secção eucarística que estamos estudando, além do estudo do seu texto e contexto próximos, isto é, no conjunto do próprio quarto evangelho, vimos também os textos eucarísticos paralelos do Novo Testamento, a saber, nos sinóticos e na 1Coríntios. Convém, porém, acrescentar os textos das primeiras gerações cristãs, para verificarmos a maneira como eles, os cristãos dos primeiros séculos, entenderam as palavras do Senhor. Porquanto eles, mais próximos das testemunhas originais do que nós, certamente podem orientar-nos na direção que deve tomar a nossa interpretação. Enfim, o que significa, *comer da carne e beber do sangue* do Senhor?

O primeiro documento cristão de que dispomos, não canônico, é a **Didaqué**, o "catecismo dos primeiros cristãos"²⁰, que data de fins do séc. I, num período em que se completava ainda a redação do Novo Testamento. O tema da Eucaristia é tratado nos capítulos 9-10 e 14. Estranhamente não se recordam as palavras da Instituição, mas se menciona o caráter sagrado do pão e do vinho sobre os quais se proferiu a "ação de graças", e dos quais só podem participar os batizados: "Ninguém coma e beba da Eucaristia, se não tiver sido batizado em nome do Senhor..." (9,5) No cap. 10,2-6 temos belo esboço de um agradecimento depois da



Eucaristia. No cap. 14,1-2 menciona-se a confissão dos pecados e a reconciliação mútua, antes da celebração, que é chamada de “sacrifício”: “Aquele que está de mal com seu companheiro não poderá juntar-se a vocês antes de ter-se reconciliado, para que o *sacrifício* que vocês oferecem não seja profanado”. E logo a seguir, o texto cita Mt 1,11: “Este é o *sacrifício* do qual o Senhor disse: *Em todo lugar e em todo tempo será oferecido um sacrifício puro...*”

De São **Clemente de Roma**, na sua carta aos Coríntios²¹, da última década do séc. I, temos breve referência, no cap. 44,4, aos “*sacrifícios*” oferecidos “de maneira irrepreensível e santa” pelos bispos/presbíteros de Corinto. Também no cap. 40 encontramos referências à “liturgia”, e à oferta dos “*sacrifícios*” por ministros determinados, embora não encontremos o termo “eucaristia” nem a citação das palavras da Ceia.

Já em Santo **Inácio de Antioquia**, nas suas sete cartas²², datadas de inícios do séc. I, são várias as referências à Eucaristia, cuja celebração só é legítima quando “presidida pelo bispo ou por alguém delegado por ele” (carta aos Esmirnenses 8,1). Sua convicção da “presença real” da *carne* e do *sangue* do Senhor na Eucaristia é afirmada com firmeza várias vezes, especialmente na citada carta aos Esmirnenses. Assim no cap. 7,1: “A Eucaristia é a *carne* de Nosso Salvador Jesus Cristo, a mesma que sofreu por nossos pecados, e a mesma que, por sua bondade, ressuscitou-a o Pai”. Na carta aos Filadelfienses, cap. 4: “Ponde afincado em celebrar *uma só Eucaristia*: porque *uma só é a carne* de Nosso Senhor Jesus Cristo e um só o cálice para unir-nos com seu sangue: *um só altar*, assim como não há mais que um só bispo...” Essa insistência de Inácio na realidade da “carne” do Senhor torna-o muito próximo da terminologia eucarística de Jo 6.

Como Inácio, também São **Justino Mártir**²³, em meados do séc. II, em Roma, é testemunha inequívoca desta fé católica na Eucaristia. Dele é a descrição mais antiga que temos de uma celebração eucarística, na sua Apologia I, 66, 1-3: “Este alimento se chama entre nós *Eucaristia*, da qual ninguém pode participar, a não ser que creia serem verdadeiros nossos ensinamentos... De fato, não tomamos essas coisas como pão ou como bebida ordinária.. mas... é a *carne* e o *sangue* daquele mesmo Jesus que se encarnou”. Logo a seguir, Justino recorda as palavras da Ceia segundo Lucas²⁴. Outros textos de Justino, sobre a Eucaristia, encontramos no seu “Diálogo com Trifão”. Aí, no cap. 70, ao comentar a passagem de Is 33,16, Justino escreve: “É evidente que nesta profecia ele também fala sobre o *pão* que nosso Cristo nos mandou celebrar em memória de ele ter-se feito homem por amor dos que nele creem, e pelos quais também se



tornou passível, e sobre o *cálice* que Ele, como lembrança do seu sangue, nos mandou igualmente consagrar com ação de graças...” (Diál. 70,4)²⁵. Mais adiante, comentando Malaquias 1,10-11, Justino afirma: “Deus, portanto, testemunha que lhe são agradáveis todos os sacrifícios que lhe são oferecidos em nome de Jesus Cristo, os *sacrifícios* que este nos mandou oferecer, isto é, *os da Eucaristia do pão e do vinho*, que os cristãos celebram em todos os lugares da terra” (Diál. 117,1). E pouco adiante: “Concordo que as orações e ações de graças feitas por homens dignos são *os únicos sacrifícios* perfeitos e agradáveis a Deus. São justamente apenas esses que os cristãos aprenderam a oferecer *na comemoração do pão e do vinho, na qual se recorda a paixão* que o Filho de Deus sofreu por eles...” (Diál. 117,3)²⁶

De **Santo Ireneu**²⁷, o grande bispo-teólogo de fins do séc. II, atuando na Gália mas discípulo de Policarpo de Smirna, temos também várias afirmações inequívocas da fé católica na Eucaristia, na sua obra em cinco livros *Adversus Haereses* – “*Contra as Heresias*”. Assim, no livro IV,17,5, após citar as palavras do Senhor sobre o cálice, Ireneu afirma: “Ele o declarou *seu sangue* e estabeleceu a *nova oblação* do Novo Testamento. É esta mesma oblação que a Igreja recebeu dos Apóstolos e que no mundo inteiro ela oferece a Deus...”²⁸ Combatendo os gnósticos, assim escreve no livro IV,18,3-4: “Como podem eles ter certeza de que o pão sobre o qual foram dadas graças é o *corpo* do Senhor e a taça de vinho o seu *sangue*, se não o reconhecem como Filho do Criador do mundo, isto é, o seu Verbo...?” E ainda: “Como podem afirmar que a carne se corrompe e não pode participar da vida, quando ela se alimenta *do corpo e do sangue* do Senhor?... Quanto a nós, *nossa maneira de pensar está de acordo com a Eucaristia e a Eucaristia confirma a nossa doutrina...* Assim como o pão, que vem da terra, ao receber a invocação de Deus, *já não é o pão comum*, mas a Eucaristia, feita de dois elementos, o terreno e o celeste, do mesmo modo os nossos corpos, por receberem a Eucaristia, já não são mais corruptíveis, por terem a esperança da ressurreição”²⁹. Ainda combatendo os gnósticos, assim Ireneu argumenta no livro V,2,2-3: “Estultos, completamente, os que rejeitam toda a economia de Deus, negam a salvação da carne, e desprezam a sua regeneração, declarando ser ela incapaz de receber a incorruptibilidade. Mas se ela não se salva, então nem o Senhor nos resgatou com seu sangue, nem o cálice eucarístico é a comunhão com o seu sangue, nem o pão que partimos é a comunhão com o seu corpo”... Pois o Senhor “*reconheceu como seu próprio sangue o cálice* tirado da natureza criada, com o qual fortifica o nosso sangue, e *proclamou ser seu corpo o pão* tomado da natureza criada, com o qual se fortificam os nossos corpos. Se, portanto, o cálice que foi misturado e o pão que foi



produzido recebem a palavra de Deus e *se tornam a Eucaristia, isto é, o sangue e o corpo de Cristo*, e se por eles cresce e se fortifica a substância da nossa carne, como podem pretender que a carne seja incapaz de receber o Dom de Deus, que consiste na vida eterna, quando ela *é alimentada pelo sangue e pelo corpo de Cristo...*”³⁰

Chegando a meados do séc. III, na África, encontramos a figura extraordinária de **São Cipriano**, bispo de Cartago, martirizado em 258, uma de cujas cartas é totalmente dedicada à Eucaristia: é a carta 63, que é quase um tratado, com o título “Sobre o sacramento do cálice do Senhor”. Nela o Santo rechaça o costume que estava sendo introduzido, de usar água em vez de vinho, na celebração eucarística. Cipriano considera a Eucaristia verdadeiro sacrifício, como se depreende de suas palavras: “Pois, se o mesmo Jesus Cristo, Senhor e Deus nosso, é o sumo sacerdote de Deus-Pai e se ofereceu a si mesmo em sacrifício ao Pai, e mandou que se fizesse isso em sua memória, por certo *faz verdadeiramente as vezes de Cristo aquele sacerdote* que imita o que fez Cristo, e então *oferece um sacrifício verdadeiro e pleno*, na Igreja, a Deus-Pai” (Epist. 63,14)³¹. Na sua carta 72, escrita ao papa Estêvão de Roma, ele considera inválida a Eucaristia celebrada fora da unidade da Igreja: “Acrescentamos em absoluto e agregamos, amado irmão... que qualquer bispo ou diácono que tenha sido ordenado na Igreja católica e depois se tenha levantado contra a Igreja, se ousarem celebrar, *intentam contra o único sacrifício divino* e oferecem sacrifícios falsos no altar... pois é necessário que os sacerdotes e ministros que servem ao altar e aos sacrifícios sejam íntegros e imaculados” (Epist. 72,2)³².

Algumas conclusões

Levando em conta os textos eucarísticos dos sinóticos e da primeira carta aos Coríntios, bem como os testemunhos inequívocos dos primeiros séculos cristãos, parece claro, mesmo evidente, que o texto de Jo 6,51-58 não pode ser interpretado apenas “mística” ou “simbolicamente”, mas fundamenta com certeza a dimensão sacramental, irrenunciável, da Eucaristia. É a dimensão “encarnacional”, típica do quarto evangelista.

Por outro lado, convenhamos que seja até certo ponto humilhante, para a nossa auto-suficiência, que a vida divina em nós dependa, para os que a compreenderem, dessa manducação ritual. A propósito, poderia aqui valer-nos a simbologia do alimento, lembrada por Bento Santos. De fato, o ser humano, que domina a natureza, no entanto dela depende para o seu sustento. Como escreve o referido autor, “alimentar-se significa depender de uma



realidade exterior a si mesmo. Isto quer dizer que o crente, ao participar da Eucaristia, comendo o corpo e bebendo o sangue de Cristo, faz experiência de uma dependência constitutiva em relação a Ele”...³³

Mais ainda. Diante do escândalo causado pelas palavras de Jesus, que falavam em “comer da carne” e “beber do sangue”, Ele adverte, embora sem retirar uma vírgula do que dissera: *É o Espírito que vivifica. A carne, para nada serve* (6,63). Isto é, embora não se devendo “espiritualizá-las”, isto é, não se devendo tirar da “carne” a concretude da condição humana assumida e redimida pelo Filho, Jesus adverte que suas palavras não devem ser entendidas “carnalmente”, e sim naquele sentido profundo que só a fé, Dom do Pai, faz entender. É o que Jesus afirma a seguir, lembrando: *Por isso vos afirmo que ninguém pode vir a mim, se isto não lhe for concedido pelo Pai* (6,65).

Apesar de tudo, incapazes de entender a proposta de Jesus, muitos de seus discípulos, a partir de então, o deixaram. Isto é, não se dispuseram a entender e aceitar o mistério do Messias padecente, de Jesus que nos salva pela entrega de sua vida e quer que nós também (nos) salvemos, entregando a nossa vida. Jesus urge uma definição dos Doze. E Pedro, certamente sem entender de modo cabal a proposta, mas pelo menos com generosidade inspirada pelo Pai, responde: *Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna, e nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus!* (6,68-69). Esta cena de João corresponde àquela que os sinóticos situam em Cesaréia de Filipe, onde também Pedro, em nome de seus companheiros, proclama a messianidade de Jesus. É a proclamação de fé que nós individualmente reafirmamos, cada vez que nos dispomos a comungar, quando o ministro nos apresenta o corpo do Senhor. O nosso “Amém”, que é o nosso “Creio”, é também – deveria sê-lo, conscientemente! – o nosso compromisso, a nossa aceitação da proposta de Jesus, o Pão da Vida³⁴. E aqui é o caso de perguntar: Vai nessa linha a nossa prática eucarística? A nossa devoção à Eucaristia não corre, quem sabe, o risco de coisificar o sacramento? As mega-missas, por exemplo, será que propiciam ou dificultam a reta compreensão do mistério? E a multidão entusiasmada que toca a custódia dourada, está consciente do compromisso que o pão eucarístico significa?

Não nos esqueçamos, chegando ao final de nossas considerações – que evidentemente poderiam ir muito mais longe – de que as palavras eucarísticas de João são o coroamento da sua interpretação do milagre dos pães multiplicados. Nos sinóticos, como observa Konings, “a multiplicação dos pães é sinal e exemplo prático do reino de Deus. Jesus ensina até como



fazer: *Dai-lhes vós mesmos de comer* (Mc 6,37 e paralelos). Em João, o dom do pão é símbolo do próprio Jesus, dom de Deus por excelência (cf 3,16), máxime na doação do seu próprio corpo e sangue, doação celebrada na refeição eucarística da comunidade...

Assim, o sinal do pão, prefigurado por Moisés e os profetas, é elevado a seu sentido supremo por Jesus. Se o evangelista Marcos nos faz ver seu sentido de práxis comunitária, João focaliza a própria práxis da vida de Jesus, entregue pela vida do mundo e centro da celebração eucarística. Jesus nos dá em alimento *a sua carne* – sua palavra e sua práxis, enfim, sua pessoa, que encarna o ensinamento de Deus. E este alimento torna-se, em nós, eficaz e transformador a longo prazo, não conforme os parâmetros da ‘carne’ limitada, mas em virtude do Espírito de vida de Deus, que não conhece limites (cf 3,34). Assim torna-se ‘pão de vida eterna’, alimento que nos faz viver hoje e sempre no âmbito de Deus³⁵. Tal é o *pão quotidiano* que não pode faltar à mesa de nossas comunidades, e que continuaremos partilhando dia por dia, *até que Ele venha* (1Cor 11,26), Ele, o Senhor.

Notas

¹ Clemente de Alexandria (ca. 150-215), nas *Hypotypóseis*, cit. por Eusébio de Cesaréia, na sua “História Eclesiástica”: cf KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João, Amor e Fidelidade*, col. Comentário Bíblico Vozes/Sinodal, Petrópolis, 2000, p. 31

² Assim CHAMPLIN, Russell, em *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, Milenium Distribuidora Cultural, São Paulo, 1982, vol. II, p. 364

³ Assim ROHDEN, Huberto, em *Sabedoria das Parábolas*, ed. Fundação Alvorada, São Paulo, sem data, pp. 152-162, no capítulo intitulado “A parábola dramatizada do pão e do vinho”, onde ele afirma que a cristandade não compreendeu, até hoje, a “mais misteriosa das parábolas de Jesus”, expressa nos termos e gestos da última Ceia. Assim ele escreve na p. 155: “Em quase 2000 anos, as igrejas cristãs não foram capazes de vislumbrar esta grande verdade, ainda que cristãos individuais a tenham vivido em todos os séculos. As igrejas – quiçá por motivos humanos – se agarraram ao *símbolo material* do pão e do vinho, do corpo e do sangue do Jesus humano, e não compreenderam o *simbolizado espiritual* do Cristo divino. Os teólogos excogitaram o dogma da transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus, como se o corpo e o sangue do Jesus humano, fisicamente ingeridos pelo comungante, pudessem espiritualizar a alma...” Huberto Rohden nasceu em São Ludgero, SC, em 1895, foi ordenado padre católico na Catedral de Florianópolis em 1920, deixou o ministério em 1945, e legou-nos extensa bibliografia, de orientação espiritualista. Criador e Diretor da “Fundação Alvorada”, em SP, faleceu na década de 80.

⁴ BRUCE, F.F., *João, Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica, Ed. Mundo Cristão, 1987 (trad.), p. 143



⁵ Cf PEREIRA, Ney Brasil, no “Jornal da Arquidiocese”, n. 46, agosto de 2000, p. 6, “O Sinal do Pão”

⁶ “Render graças”, em gr. *eucharisteîn*, verbo helenista usado aqui por João para expressar o que em grego se poderia dizer também *eulogeîn*, como preferem Marcos e Mateus no relato da Ceia (Mc 14,22 e Mt 26,26): *eulogeîn* significa “bendizer”, ou seja, “pronunciar a bênção”, em hebr. *berakhâ*

⁷ BROWN, Raymond, *The Gospel according to John I-XII*, Anchor Bible, Doubleday, New York, 1966, p. 234, esclarece que a palavra gr. *klásma*, no singular, é usada na Didaqué (9,3,4), para designar o pão eucarístico

⁸ KONINGS, Johan, no seu primeiro comentário sobre João, *Encontro com o Quarto Evangelho*, Vozes, 1975 (ed. esgotada), aponta didaticamente esses passos, nas pp. 39-41

⁹ BROWN, R., op. cit., p. 288-289

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 286

¹¹ Quem cita Agostinho é BRUCE, F.F., op. cit., p. 144, qualificando a expressão agostiniana de “epigrama imortal”, e indicando sua fonte: “Homilias sobre João” 26,1.

¹² BROWN, R., op. cit., p. 284

¹³ Id., *ibid.*, p. 291-292

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 292-293

¹⁵ A “bênção”, isto é, a *berakhâ*, oração de louvor antes da refeição, conforme o uso judaico

¹⁶ Alguns manuscritos trazem: “repartido” (gr. *klômenon*); outros, “triturado” (gr. *thryptômenon*); outros, ainda: “entregue” (gr. *didômenon*)

¹⁷ A ordem de recordar era característica da Ceia Pascal, celebrada até hoje, nas famílias judias, *em memória* da saída do Egito, e no decurso da qual Jesus deu novo significado ao pão e ao vinho apresentados a seus discípulos. Cf o ritual da Ceia no meu opúsculo, PEREIRA, Ney Brasil, *A Ceia Pascal Cristã*, Paulus, 1997 (4ª edição)

¹⁸ Aqui os manuscritos não especificam de que “Corpo” se trata, mas o paralelismo com o v. 27 parece não deixar dúvidas: trata-se ainda do Corpo eucarístico do Senhor, evidentemente sem excluir o seu Corpo místico, isto é, os irmãos desprezados naquelas assembléias.

¹⁹ Um livrinho recente de Pe. Marcelo ROSSI, *Eu sou feliz por ser católico*, ed. do Autor, São Paulo, 2000, traz esses testemunhos de forma acessível, desde a Didaqué até Agostinho (*ibid.*, pp. 10-20)

²⁰ Cf STORNILO/BALANCIN, *Didaqué, o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*, Ed. Paulinas (Paulus), 1989, 32 p.

²¹ cf ARNS, Dom Paulo Evaristo, *Carta de São Clemente Romano aos Coríntios*, Ed. Vozes, 1971, 80 p.



²² Cf. QUASTEN, Johannes, *Patrología*, vol. I, BAC, 1968, pp. 73-85, ou *Padres Apostólicos*, Paulus, col. Patrística 1, 1995, 336 p., Introd. e Notas de FRANGIOTTI, Roque

²³ *Justino de Roma, I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Paulus, col. Patrística 3, 1995, 328 p., Introd. e Notas de FRANGIOTTI, Roque

²⁴ Id., *ibid.*, p. 82

²⁵ Id., *ibid.*, p. 287

²⁶ Id., *ibid.*, p. 288

²⁷ *Ireneu de Lião*, Paulus, col. Patrística 4, 1995, 624 p., Introdução, Notas e Comentários de RIBEIRO, Hélcion

²⁸ Id., *ibid.*, p. 419

²⁹ Id., *ibid.*, p. 423-424

³⁰ Id., *ibid.*, p. 522-523. Vale a pena citar aqui a Nota 7, p. 523, de RIBEIRO, Hélcion: "Tanto firme quanto impressionante é a teologia de Ireneu sobre a Eucaristia – que por sua vez está ligada à teologia da ressurreição. Cristo recapitula todo o cosmo no pão e no vinho, e estes elementos se transformam em Eucaristia e, portanto, em alimento dos seres humanos; ela os capacita para receberem a imortalidade e a incorruptibilidade de Cristo. A carne acostumada a receber o 'Pão da Vida' (cf V,3,3) será ressuscitada e verá a Deus".

³¹ QUASTEN, Johannes, *Patrología I*, BAC, Madrid, 1968, p. 674

³² Cit. em ROSSI, Marcelo, *Eu sou feliz por ser católico*, ed. do Autor, São Paulo, 2000, p. 17

³³ SANTOS, Bento Silva, *Teologia do evangelho de João*, ed. Santuário, Aparecida, SP, 1994, p. 389

³⁴ PEREIRA, Ney Brasil, no "Jornal da Arquidiocese", n. 46, agosto de 2000, p. 6, "O Sinal do Pão"

³⁵ KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João, Amor e Fidelidade*, col. Comentário Bíblico Vozes/Sinodal, Petrópolis, 2000, pp. 186-187

Endereço do Autor:

ITESC - Cx.Postal 5041
89040-970 Florianópolis - SC

Neste final de milênio e início de um novo milênio, a atenção se volta para a escatologia. Numa breve comunicação, o autor estuda o tempo e seu significado, nas dimensões de passado, presente e futuro, e pergunta pelo sentido, no tempo presente, da esperança. Pergunta também que relação existe entre "este mundo" e o "mundo da promessa", do plano de Deus, e se é possível conjugar a escatologia com um futuro intra-histórico.

Entre a História... e a Escatologia

Pe. Vitor Clemente Müller

Doutor em Teologia e Professor no CINTEC, em Cascavel, PR